

# (RE)LEITURA: UM NOVO OLHAR SOBRE A TELA<sup>1</sup>

Jeanynni Fortunato Severo (UFRPE-UAG)<sup>2</sup>  
e-mail: jeanyynni.fortunato@live.com

## Introdução

Este trabalho trata do letramento na cibercultura, tendo em vista o novo contexto das escolas públicas da cidade de Garanhuns. Ele é parte de um conjunto de atividades que vem sendo desenvolvidas na monitoria da disciplina Introdução à Informática ministrada no curso de Letras na UFRPE-UAG. A disciplina procura discutir processos de ensino-aprendizagem mediados pela tecnologia, criar repositórios de atividades para ensino de língua e acompanhar o letramento digital de professores nas escolas assim como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e seu impacto no ensino.

Aos poucos, as TICs foram inseridas no contexto educacional e agora os docentes começam a utilizar as mídias em sala de aula, fazem com que seus educandos reflitam não só sobre o texto feito à mão, sobre uma folha de papel, ou mesmo aquele poema inserido em um livro didático. Agora a história pode ser cantada, possui aspectos audiovisuais que mudam a relação com os sujeitos. Assim sendo, colocamo-nos a pensar sobre essa nova visão de mundo que as TICs nos trazem e que já é realidade na escola. Desta forma, buscamos observar como se dá a aquisição da linguagem neste novo modo de ler e escrever na tela, para compreender se esta se distingue de alguma forma da leitura e escrita no papel.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública da cidade de Garanhuns, Pernambuco, contemplada com o programa UCA (Um Computador por Aluno). Fizeram parte deste estudo, estudantes do ensino fundamental, do 2º ao 5º ano, que se encontram no processo de apropriação do sistema de escrita e de leitura, e suas respectivas professoras. A escola em questão participou de algumas atividades anteriores a esta pesquisa, como a aplicação da Oficina de Tecnologia na Educação: Autoria na Construção de Objetos de Aprendizagem para Ensino de Língua Portuguesa, que tinha como principal objetivo a produção de atividades, por parte dos docentes, para serem utilizadas nos computadores. A partir da aplicação destas atividades por intermédio do computador foi que percebemos as modificações na leitura e na escrita, por parte dos alunos, fato este que nos levou a pensar nesta pesquisa.

Desta forma, discutiremos aqui sobre letramento e alfabetização, além da inserção das TICs no ambiente escolar e a importância desta no que se refere à inclusão digital. Por fim debateremos de forma mais abrangente sobre o letramento na cibercultura, tendo em vista as mudanças ocorridas na forma de ler e escrever, tendo como suporte os meios digitais.

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é parte das atividades realizadas na monitoria da disciplina **Introdução à Informática**, ministrada no curso de Letras pela professora Aliete Gomes Carneiro Rosa, na UFRPE-UAG, e se insere na linha de pesquisa *Linguagem e Tecnologia*, no projeto denominado *Gêneros do discurso e o uso das tecnologias para o ensino de língua*

<sup>2</sup> **Jeanynni FORTUNATO**, Graduanda do curso de **Licenciatura em Pedagogia** da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Monitora da disciplina *Introdução à Informática* no curso de Letras da UFRPE-UAG

## 1. Conceitos de Letramento e Alfabetização

Um breve olhar sobre o conceito de alfabetização e letramento nos mostra que o indivíduo letrado ultrapassa os simples atos de ler e escrever, pois partindo da noção de letramento discutida por Silva (2005, p.136) compreendemos que o indivíduo deve fazer uso da leitura e da escrita de forma que alcance a compreensão em diferentes contextos e das ideias de Xavier (2002, p.2) ao mostrar que ser letrado digitalmente é assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais.

Para compreender o sentido desta pesquisa se faz necessário um debate inicial quanto às práticas de ensino da língua materna em nossas escolas, fazendo uma analogia no que se refere ao letramento e à alfabetização de nossos educandos. Levando em consideração os conceitos básicos, pretendemos entender melhor o contexto em que se encontram os estudantes que fizeram parte deste trabalho.

É sabido que o alfabetizado tem como principal habilidade a decodificação dos códigos que fazem parte do nosso sistema de escrita, reconhecem as letras do alfabeto de forma que possibilite a leitura e a escrita de textos. Porém o letramento nos dá um novo olhar quanto à função desta habilidade, pois é sabe-se que ler e escrever apenas não basta, faz-se necessário um olhar crítico sobre essas ações como defende Silva (2005, p. 134) ao afirmar que

a criança precisa não só se apropriar do sistema de escrita, mas, também, desenvolver as habilidades de leitura e produção de textos orais e escritos. Portanto, o ato de ensinar a ler e a escrever – a alfabetização – deve relacionar-se ao uso da leitura e da escrita de maneira a alcançar objetivos em diferentes contextos em que essas práticas são desenvolvidas, ação que tem sido denominada de letramento.

Foi em meados da década de 80 que surgiu o conceito de “letramento” que, de acordo com o Dicionário Houaiss (2001), é um “conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito”. Esse conceito trouxe inovações para o campo de ensino da língua materna. Acredita-se que um indivíduo não necessita ser alfabetizado para ser considerado letrado. Muitas vezes os estudantes que ainda não compreendem totalmente o sistema de escrita possuem conhecimentos suficientes que possibilitam a compreensão das mensagens escritas mesmo sem saber decodificá-las da maneira adequada.

O letramento vai além da codificação e o estudante precisa compreender o seu papel no contexto da leitura e da escrita. Para isso, os docentes necessitam pautar seus trabalhos sobre a realidade de seus alunos, não apenas focando a alfabetização destes. Para Soares (2002, p.145) letramento é *o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita. Estado ou condição que adquire um Grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.*

Para que este nível de letramento seja alcançado pelos educandos, faz-se necessário uma nova abordagem por parte dos educadores, pois a forma como o ensino vem sendo aplicado, principalmente nas escolas da rede pública, vem resultando em índices abaixo da média no ÍDEB. Neste sentido é de fundamental importância

organizar o trabalho pedagógico de maneira que possamos envolver atividades de leitura, atividades de reflexão sobre o sistema notacional de escrita e atividades de produção de textos orais e escritos dos

diversos gêneros, considerando os diferentes níveis de conhecimentos dos alunos que chegam às escolas. (SILVA, 2005, p. 135)

E é neste contexto de ensino que os participantes deste estudo se encontram. Os estudantes passam pelo processo de letramento, tendo seus primeiros contatos com a leitura e escrita e fazendo reflexões sobre o sistema. Os docentes por outro lado, procuram meios que tornem essa aprendizagem significativa, utilizando dos materiais disponíveis como cadernos, livros didáticos e paradidáticos. Além desses materiais, a escola em questão dispõe de laboratório de informática e *laptops*, assim como acesso à *internet*, o que fez com que as práticas de ensino ganhassem um novo rumo. Agora a leitura e a escrita, assim como o ensino não estão ligados apenas ao papel, ao lápis e o quadro branco. O novo desafio tanto para os docentes quanto para os discentes é lidar com estas novas ferramentas, principalmente nesta etapa da aprendizagem. Toda essa mudança nos leva a refletir sobre como os educandos reagiriam a essas modificações, pois, ao mesmo tempo em que lidam com a folha em branco, terão que lidar agora com o brilho, muitas vezes ofuscante, da tela em branco.

## 2. Tecnologias na Escola e a Inclusão Digital

As tecnologias já fazem parte do nosso contexto social. Elas podem ser encontradas em lojas, bancos, mercados e até mesmo nas pequenas sorveterias de bairro. O uso de aparelhos tecnológicos, cada vez mais, inserem-se no cotidiano das pessoas, e isso nos leva a mudanças de hábitos. Quando falamos em TICs, sempre nos remetemos à figura de um computador, porém estas fazem parte de um vasto aparato que pode ser compreendido como o primeiro rádio indo até a mais nova invenção tecnológica como a Smart TV, com acesso a internet e que nos proporciona uma visão tridimensional, o já famoso 3D, por exemplo.

Essas tecnologias, ao longo do tempo, mudaram a forma como a comunicação acontece, ditaram a ordem no que se refere à informação e entraram nas casas e estabelecimentos comerciais tendo como principal função o entretenimento. Mas as tecnologias logo foram ganhando novas funcionalidades, até chegarem ao papel de não só divertir, mas também educar.

Mesmo a escola que não possua um laboratório de informática ou que tenha este a sua disposição e não tenha acesso à internet, seus estudantes fazem parte das mais diversas redes sociais. De uma forma ou de outra, podemos dizer que todos nós estamos incluídos digitalmente, pois a tecnologia está presente independente de nossa vontade.

Apesar de reconhecermos o alcance das TICs não podemos afirmar neste momento que nos encontramos incluídos digitalmente, pois para que exista inclusão, segundo Silva Filho (2003), três pilares são fundamentais: **Tecnologias da Informação e Comunicação, renda e educação**. Sendo assim, é necessário ter acesso às tecnologias, ter uma condição financeira que possibilite a compra de computador e condições de acesso à internet de qualidade, além de saber lidar com as informações. Para isso se faz necessário educação de qualidade, pois, conforme este autor

as escolas e universidades constituem também componentes essenciais à inclusão digital uma vez que diversos protagonistas (professores, alunos, especialistas membros da comunidade) atuam em conjunto para o processo de construção de conhecimento. Note que os três pilares do tripé da inclusão digital devem existir em conjunto para que ela ocorra de fato. De nada adianta acesso às tecnologias e renda se

não houver acesso à educação. Isto porque o indivíduo deixa de ter um mero papel 'passivo' de consumidor de informações, bens e serviços, e então passa também a atuar como um produtor (de conhecimentos, bens e serviços). (Ver Referência Bibliográfica)

Sendo assim, vários são os programas e projetos governamentais que buscam incorporar às escolas as TICs, de modo que essa inclusão se torne algo concreto, através do uso de computadores, com acesso a internet, no ambiente escolar. Porém, na maioria das vezes, essa implantação ocorre sem se fazer uma reflexão quanto às metodologias adequadas para o seu uso. Não existe uma formação previa para os docentes e muitas vezes essas ferramentas (computador e internet) se perdem em meio à falta de estrutura das escolas.

Os estudantes devem compreender todas as possibilidades que o computador lhe oferece, não apenas suas funcionalidades básicas, como nos coloca Coscarelli (2011, p.32) ao afirmar que "a fim de tornar nossos alunos usuários familiarizados com os recursos disponíveis nos computadores, eles precisam usar a informática e não, ter aula de informática". Essa é a realidade da maioria de nossas escolas. A informática é utilizada não em conjunto com as demais áreas do conhecimento, e sim de forma paralela. Não queremos afirmar aqui que o estudo dos componentes do computador seja algo irrelevante, mas talvez não seja a melhor forma de utilização desta ferramenta, principalmente quando lidamos com estudantes da educação básica, que estão iniciando no processo de leitura e escrita.

A instituição participante desta pesquisa possui equipamentos que estão em perfeita condição de uso e são utilizados todos os dias por alunos e professores. Nesta escola, o laboratório encontra-se aberto, à disposição dos alunos, funcionando manhã, tarde e noite. Há também um monitor, um profissional, específico para a sala de informática, que auxilia na execução das atividades propostas pelos professores, além de cuidar da organização e da conservação dos equipamentos. Esta à disposição dos alunos e ministra uma aula por dia, fora as atividades que aplica em conjunto com os professores. Dessa forma todas as turmas frequentam o laboratório pelo menos uma vez por semana e usam o computador para atividades didáticas.

### 3. *Laptops* na Sala de Aula

A escola pesquisada além de possuir o laboratório de informática, também foi contemplada com o Projeto UCA (Um Computador por Aluno), que possibilita a utilização de *laptops*, com acesso a internet *wi-fi*, nas salas de aula. Esses computadores pertencem à escola, de forma que os estudantes não podem levá-los para casa, e são utilizados nos três turnos de funcionamento da instituição. Um dos motivos pelos quais não podem ser retirados da escola, é pela forma como deve ser guardado. A instituição possui uma sala para este fim, que além de conservar os equipamentos também possui tomadas suficientes para carregá-los<sup>3</sup>.

Para participar do projeto, as escolas precisam corresponder a uma série de critérios estabelecidos por órgãos governamentais dentre os quais estão: o número de alunos e professores, assinatura de termo de adesão, anuência do corpo docente, localização e estrutura da escola. A escola participante desta pesquisa foi contemplada com o programa por não ter apresentado nenhum percentual de evasão durante dez anos, além de sua organização e administração terem se destacado das demais escolas

---

<sup>3</sup> Como podemos observar no anexo 1.

públicas do município. Hoje, no Brasil, são cerca de seis estados participantes e 300 escolas das redes municipal e estadual. O projeto, na fase chamada piloto<sup>4</sup>, começa a capacitar professores através de cursos ministrados à distância e pretende dar orientações teóricas, técnicas e pedagógicas.

Espera-se através do uso do computador nas aulas, diariamente, que os educandos consigam ter um melhor rendimento nas atividades escolares, sendo assim, utilizar as novas TICs para contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

#### **4. Novas formas de Ler e (D)Escrever o Mundo**

Com a utilização dos *laptops* em sala de aula, e a aplicação das atividades elaboradas pelos professores por meio do repositório de atividades ELO, pudemos observar na prática o papel das TICs em sala de aula. A inserção destas tecnologias em sala, de forma regular, acarretou em mudanças no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à alfabetização. O processo de aquisição da linguagem escrita realmente faz parte do universo dos educandos da educação básica, porém mesmo para os que já dominam esse sistema de escrita, como é o caso dos docentes, foi observável algumas modificações no que se refere ao ler e escrever no computador.

Neste sentido, Coscarelli (2011, p.31) nos traz que

Sabemos que, uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, ficamos o resto de nossas vidas aprendendo a ler e escrever, a dominar cada vez mais os recursos da escrita e estratégias da leitura. Esses processos não se encerram na alfabetização. Uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, não importa mais em que métodos fomos alfabetizados, mas que concepção de texto, de leitura, de escrita e de aprendizagem a escola está nos ajudando a desenvolver.

Sendo assim, os docentes também se encontram em um constante processo de aprendizagem, e com a inserção das TICs no ambiente escolar foi necessário que estes tivessem uma formação em serviço para que fosse possível a utilização destes *laptops* com os estudantes, de forma que pudessem pensar em abordagens diferenciadas na produção de suas atividades.

A leitura na tela possui suas especificidades assim como qualquer meio de leitura, neste sentido Ribeiro (2011) nos diz que

cada suporte, à medida que foi inventado e refinado, criou especificidades: o jornal, com sua diagramação e sua periodicidade peculiares, produz determinadas expectativas no leitor, assim como as revistas, as bulas de remédio, os *out doors*, os livros e até mesmo os muros urbanos. (p. 126)

Agora os estudantes possuem outro meio de escrita e leitura, o papel e o lápis já não são os únicos materiais presentes na sala de aula. Os estudantes começam a ver as letras através da tela de um computador e a formatação da escrita já não é a mesma, o texto criou vida, tem imagens e sons, o texto sofre alterações em sua maneira de ser e estar relativamente estável. A realidade vivenciada por nossos estudantes é o hipertexto.

---

<sup>4</sup> documento na íntegra em [http://oficina.inclusaodigital.gov.br/files/1\\_oficina.pdf](http://oficina.inclusaodigital.gov.br/files/1_oficina.pdf)

Coscarelli (2011, p. 29) considerando as especificidades do letramento no ciberespaço diz que

se antes era importante saber separar as palavras em sílabas, hoje, quem digita não precisa se preocupar em partir as palavras para alinhar o texto, pois o computador faz isso automaticamente. Se antes era preciso saber escrever com letra cursiva, de preferência legível e bonita, agora é preciso saber digitar, é preciso conhecer as fontes disponíveis no computador e como usá-las.

Inicialmente observamos os estudantes do 2º ano, que não possuem domínio da escrita nem da leitura, utilizando os *laptops* do UCA<sup>5</sup>. Mesmo sem maiores conhecimentos, tanto no que se refere ao manuseio das ferramentas (computador e internet), como também estarem em processo de letramento, os estudantes navegavam pela *internet*, manuseavam o *Touch Pad*, assim como se arriscavam a digitar algumas palavras, sempre com a orientação e o suporte da professora presente em sala de aula. Outro fato que nos chamou atenção foi a forma como os educandos se ajudavam. A colaboração está presente na sala de aula mesmo cada aluno tendo seu *laptop* em mãos. Muitas vezes os estudantes que já possuíam maior conhecimento de leitura e escrita ajudavam os demais no uso do computador, como observamos quando uma estudante solicitou ao seu colega de turma para escrever no *Google* o nome "jogos". No momento da observação, a atividade era livre, os educandos poderiam escolher o que fazer no computador. A grande maioria utilizava a *internet* para acessar *sites* de jogos e vídeos, outros utilizavam o *Writer*, do *BrOffice*<sup>6</sup> para escrever palavras.

Neste sentido, voltamos a Coscarelli (2011) que nos deixa claro que

o computador tem muito a contribuir como fonte de informação e como meio de comunicação, mas para realmente ser útil como tal, os usuários, alunos e professores, devem saber digitar, bem como lidar com mecanismos de busca, de exploração das informações e com novas formas de interação como o e-mail, blogs, sites, entre outros. (p.40)

Como já colocado aqui, os docentes passaram por algumas formações para que assim pudessem utilizar as máquinas. Uma destas formações foi oferecida por nós, tendo como meta a produção de material para serem trabalhadas em sala. Durante esta oficina os docentes criaram várias atividades, nas mais variadas áreas do conhecimento, trabalhando com os *softwares* livres como o ELO (Ensino de Línguas Online) e o Ardora. Após a produção, as atividades foram colocadas em prática, no laboratório da escola, um dos fatores de maior importância, neste trabalho, foi o fato das atividades serem produzidas pelos próprios docentes, levando sempre em consideração as dificuldades de cada turma.

Durante a aplicação do material, observamos que alguns alunos sentiram certa dificuldade em ler e compreender os textos na tela do computador, assim como fazer uso do teclado para digitar as respostas. O mais interessante neste momento foi observar que alunos que possuem um baixo rendimento em sala, nas atividades escritas, conseguiram realizar essas atividades no computador. Em contrapartida, estudantes que normalmente não sentem maiores dificuldades na compreensão de textos e na escrita, se sentiram pouco à vontade com o manuseio da ferramenta.

---

<sup>5</sup> Como podemos observar o anexo 2.

<sup>6</sup> Software livre instalado no sistema operacional Linux.

No decorrer das atividades, conseguimos coletar algumas informações quanto ao uso da ferramenta as quais apresentaremos aqui para uma análise. Sobre o manuseio do computador por oito estudantes<sup>7</sup>:

NOME	IDADE	ANO	OBSERVAÇÕES
Ana Beatriz	10 anos	4º ano	Dificuldades em reconhecer os números no teclado, sabe utilizar o <i>mouse</i> , e digita utilizando apenas um dedo. No que se refere a navegação na internet a estudante compreende que ao clicar em uma figura, será encaminhada a uma nova página, vivenciando assim a estrutura do hipertexto.
José Antônio	9 anos	3º ano	Mostrou ter pouca dificuldade no manuseio do <i>mouse</i> , reconhece as letras no teclado, digita com apenas uma das mãos e fazendo uso de um dedo, compreende a necessidade de dar espaçamento entre as palavras.
Maria Eduarda	7 anos	2º ano	A estudante teve algumas dificuldades, inicialmente em utilizar o <i>mouse</i> e solicitou a ajuda da docente na escrita de algumas palavras no primeiro momento. Ficou feliz ao conseguir responder a atividade sem o auxílio da docente.
Tatiana	14 anos	4º ano	Dificuldades no manuseio da ferramenta e compreendeu os enunciados, não sentindo maiores dificuldades na leitura em tela.
Wildegard	9 anos	4º ano	Não mostrou dificuldades em entender os enunciados, sabe utilizar o <i>mouse</i> e utiliza duas mãos para digitar, com um dedo de cada mão. No que se refere a navegação na internet a estudante compreende que ao clicar em uma figura, será encaminhada a uma nova página, vivenciando assim a estrutura do hipertexto.
Yasmim	10 anos	4º ano	Sem maiores dificuldades no manuseio da ferramenta, tem agilidade ao digitar e sabe navegar na internet. No que se refere a navegação na internet a estudante compreende que ao clicar em uma figura, será encaminhada a uma nova página, vivenciando assim a estrutura do hipertexto.
Carlos	12 anos	4º ano	Sabe utilizar o <i>mouse</i> , digita com apenas um dedo. Não demonstrou maiores dificuldades na leitura em tela.

Como observamos, o uso da ferramenta ainda apresenta algumas dificuldades para os estudantes, alguns já conseguem compreender a estrutura do hipertexto, o letramento digital já nos mostra algumas mudanças na prática. Agora os estudantes sabem, por exemplo, que para ter acesso a algum jogo, precisa fazer uma busca na página do site, e clicar na figura que representa a sua escolha, para que assim o jogo possa abrir.

---

<sup>7</sup> Usaremos aqui apenas o primeiro nome de cada aluno, tendo como objetivo preservar suas identidades.

## Conclusão

Este trabalho trouxe os resultados da pesquisa concluída sobre letramento digital em uma escola pública de Garanhuns. Observamos, de modo geral, que o letramento no ciberespaço se dá fora da escola porque os professores ainda não possuem a formação necessária para a utilização das TICs em suas aulas.

A escola começa a se inserir no ambiente no processo de “inoinclusão”. Possui laboratório de informática, e *laptops* de uso exclusivo dos alunos. Ainda é tímida a participação de professores e ainda há pouco interesse destes em repensar as práticas de ensino, adequando-as para que se faça uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem. E isso tem relação direta com a concepção de ensino que cada professor tem. A ideia de inclusão ainda é insípida, pois não é o simples fato de estar em contato com um computador conectado à internet que faz do indivíduo ser incluído digitalmente.

Desta forma, a escrita e a leitura por intermediário do computador ainda é pouco assimilada. Os discentes sabem manusear a ferramenta, porém não possuem o conhecimento adequado da língua materna, de forma a garantir uma melhor interação com as atividades na tela. Em outras palavras, os estudantes se encontram em processo de alfabetização, porém, mesmo com o pouco uso das ferramentas, já conseguem navegar e treinar passos maiores no que se refere à leitura e escrita no ambiente digital.

Apesar das iniciativas do governo, também ainda modestas, o caminho para a inclusão digital parece estar sendo apontado, com a formação de estudantes letrados digitalmente. Fato é que se faz necessário repensar a utilidade da tecnologia no contexto educacional, pensando no computador como uma ferramenta de grande ajuda no processo de alfabetização. Isso certamente ajudará alunos a se tornarem mais autônomos e aptos para fazer uso das TICs de maneira que isso se converta em comportamento social diferente, o tão falado letramento digital.

## Referências bibliográficas

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, C. V. , RIBEIRO, A. E. (Org.). *Letramento Digital*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 25-40.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e Novas Tecnologias: Um olhar para além da técnica. In: COSCARELLI, C. V. , RIBEIRO, A. E. (Org.). *Letramento Digital*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011. p. 85-97.

SILVA FILHO, Antonio Mendes. Os três pilares da inclusão digital. Revista Espaço Acadêmico, n. 24, ano III, 2003. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/024/24amsf.htm>. Acesso em: 25/10/2010.

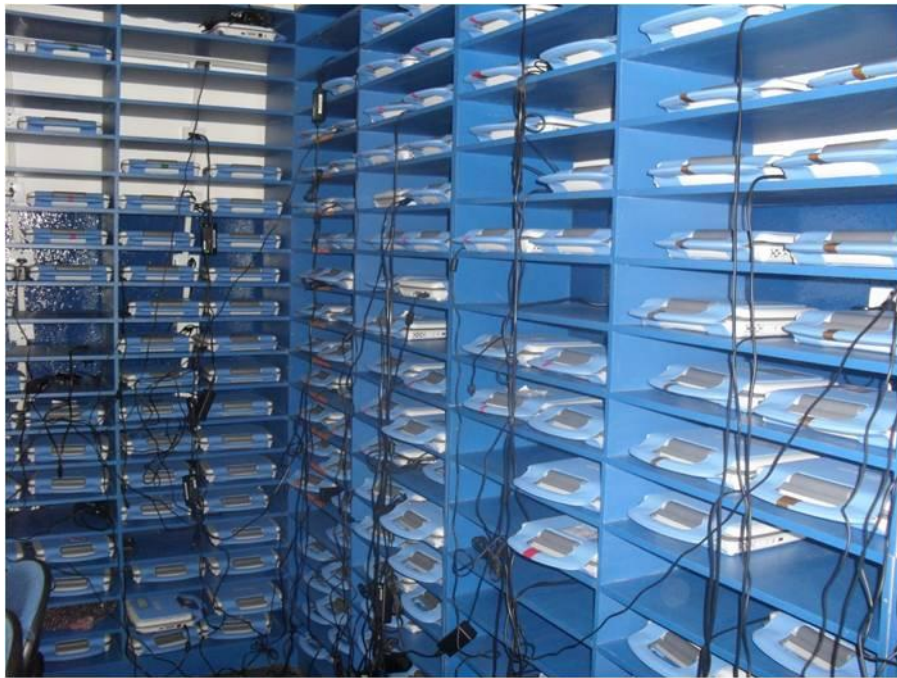
SILVA, Roseane Pereira. Leitura e escrita na alfabetização. In: MORAIS, A. G., ALBUQUERQUE, E. B. C. (Org.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-146.



SOARES, Magda. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 27/10/2010.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. Letramento Digital e Ensino. 2002

Anexo 1



Anexo 2

